

A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO NA ACTUALIDADE

*Ernesto Candeias Martins**

1 - JUSTIFICAÇÃO A PRIORI DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Pensamos ser de algum interesse actual para os que nos dedicamos no ensino da Filosofia da Educação, formular algumas questões prévias, as quais pretendemos reflectir ao longo do texto, para entender o próprio conceito e o seu enquadramento nas Ciências do saber e principalmente das Ciências da Educação. Por exemplo, refiro-me às perguntas:

O que é a Filosofia da Educação? Quais as características que a distinguem de outros tipos de filosofias (p.ex., a Filosofia do Direito, Filosofia das Artes, Filosofia da História, Filosofia das Ciências, etc.)?

Necessita a **educação** de uma reflexão filosófica?

Será aberrante recorrer a conceitos mais ou menos abstractos da filosofia para tratar os problemas modernos da prática educativa? O que é que fornece a Filosofia, em especial a Filosofia da Educação, à prática educativa?

Que limites existem, se os há, entre a Filosofia da Educação e a Teoria da Educação? Que função compete à Filosofia da Educação no contexto das Ciências da Educação? Que âmbitos educativos (formação dos professores) são prioritários dentro da actividade da Filosofia da Educação?

Evidentemente estas questões apresentam-se como os objectivos desta reflexão, coincidindo tantas vezes nas próprias interrogações que fazemos no desejo de indagar e de afrontar a realidade educativa. Contudo esta abordagem, por razões compreensivas de complexidade e tempo será feita superficialmente.

A própria Filosofia parece sofrer algum descrédito nos meios sociais e camadas populares/intelectuais (vulgarmente preferimos nas nossas conversas: "...Não me venhas com filosofias", "Deixa-te de filosofias,...", etc.), mas se para algo serve a **filosofia** é para **dar luz/iluminar a razão** onde existe confusão, isto é, como diziam os gregos "**procurar a verdade das coisas e do pensamento, quando facilmente caímos em erros**", caso contrário corremos o risco permanente de cada qual trilhar racionalmente o seu caminho sem possibilidade de encontro.

* Professor da Escola Superior de Educação, Castelo Branco, Portugal.

Lendo a “*Política*” de ARISTÓTELES (Livro V, cap.1) encontramos um texto importante para a nossa reflexão, onde se fala do tema educativo e do seu lugar na perspectiva do sistema educativo (política educativa), considerando a **educação como um fim (teleológico) nas preocupações do homem:**

*“... não podemos esquecer a questão de como é que a educação deve ser e como deve ser posta em marcha, porque nos tempos modernos há pontos de vista opostos sobre o exercício da **pedagogia**. Não há um consenso geral sobre o que os jovens devem aprender, seja em relação à **virtude** ou em relação a uma vida melhor, tão pouco está claro se a **educação** deve dirigir-se mais ao **intelecto** ou para o **caráter da alma**. O problema complicou-se pelo que acontece diante dos nossos olhos, e não estamos seguros se a **formação** deve dirigir-se às coisas úteis da vida ou àquelas que levam à virtude ou às de simples adornos. Cada uma destas opiniões tem os seus respectivos partidários, e não há consenso sobre o que em realidade nos leva à virtude; variam os princípios sobre a sua **essência**; e se não há unanimidade no essencial, é natural que sejam diferentes as opiniões em quanto aos meios de as praticar.”*

Realizando uma análise geral ao texto, parece que na nossa época há alguns pontos coincidentes com o ESTAGIRITA. Este traça um verdadeiro programa de reflexão filosófica sobre os temas educativos. Empapado nessa reflexão racional a primeira coisa a chegarmos a acordo é sobre a noção de educação: “**o que é que a educação deve ser**”. Não é nada fácil este propósito pelas distintas definições que damos de educação, às vezes complexas ou contraditórias (por ex., a distinção entre **educação e formação**). Esta tarefa é difícil de desentranhar no tecido filosófico subjacente aos seus pressupostos conceptuais. Talvez, para os poucos “**amigos da filosofia**”, o essencial não seja o **conceito**, mas o pôr/aplicar na prática a **acção educativa**. A estes ARISTÓTELES pergunta: “**mas como se realiza essa acção educativa prática?**” (FAZER). Mais adiante coloca o dedo na chaga da discussão acesa sobre a educação/ensino ou formação: ela (educação) é a meta/fim para conseguir o êxito ou não na nossa vida (educadores sofistas), em que a **formação** como o processo no mundo interior dos hábitos intelectuais do ser humano deixa as suas pegadas no carácter virtuoso da alma. É nela onde opera a eterna problemática dos **fins/met**as da educação/individual/colectiva, em que o filósofo grego de modo claro relaciona **fins/met**as/objectivos à **prática**. O mais grave é que os caminhos escolhidos para os conseguir são obscuros/complexos ou difíceis de se concretizar.

A Filosofia da Educação trata do **pensar sobre o fazer educativo**. As diferenças claras ao nível conceptual do modo/forma como tratamos esse

"PENSAR" pode originar uma pluralidade de filosofias da educação na actividade intelectual. A maior parte dos **pedagogos/técnicos da educação** devem possuir uma formação filosófica na base epistemológica das Ciências da Educação, dilucidando os conceitos centrais dessas **ciências** que actuam sobre a **educação**. Realizar uma indiferenciação da Filosofia da Educação relativamente a outros tipos de filosofias é cair na **especificidade do campo do conhecimento educativo**. Parece que se nos apresentam duas grandes vertentes:

a) os defensores que analisam o **estatuto epistemológico** das Ciências da Educação, mas não a própria actividade epistemológica;

b) falta de identidade académica/intelectual da Filosofia da Educação; Esta ausência de **Identidade** relaciona-se com **três situações comprováveis**:

i. os filósofos da educação realizam actividades intelectuais e de investigação em distintos âmbitos do saber educativo (ex., teoria da educação, tecnologia educativa, psicopedagogia, sociologia da educação, psicologia da educação, etc.), que no fundo é um tratamento especial à **educação**;

ii. (atípica) há uma identificação de conteúdos entre aqueles âmbitos de conhecimento do acto educativo e os que efectivamente correspondem à Filosofia da Educação (Teoria da Educação é diferente de Filosofia da Educação);

iii. movimento das Ciências Pedagógicas (Nível científico e tecnológico) que recusam ou põem em dúvida a existência da Filosofia da Educação; evidência actual para a **Teoria da Educação**, que justifica que **"O saber da educação é um saber para o fazer, vinculado para a práxis"**.

As razões que podemos dar a estas *situações* descritas, após 26 séculos, incidem na preocupação ainda actual dos filósofos pelo **"que é a filosofia ou a razão"** e conseqüentemente **"o que é o homem"** que nos leva a perguntar **"o que é a educação"** e principalmente **"o que é a Filosofia da Educação?"**. Outra questão importante é a falta no espaço curricular/académico do ensino superior da disciplina de Filosofia da Educação (poucas são as Faculdades ou Escolas Superiores dedicadas à formação dos futuros formadores que têm esta disciplina nos currículos, assim como são poucos os filósofos que se dedicam a esta actividade). Parece-me evidente que o **filósofo da educação como o seu esforço intelectual não deve estar marginado/ausente da resolução ou actividades inerentes à própria realidade educativa, onde actua.**

Qual é o contributo da Filosofia da Educação à prática educativa?

Pensamos que:

i) alguns que se caracterizam por “pedagogos” consideram-se científicos/tecnólogos da educação, desprezando o próprio *pensar filosófico*, uma vez que a ciência pedagógica deve estar relacionada com a *práxis educativa* e a Filosofia da Educação não se identifica com essa *práxis*; Será correcta esta posição? - **PRÁXIS**;

ii) alguns outros filósofos da educação anunciam enunciados racionais abstractos e gerais que são de difícil corroboração ou comprovação experimental directa ou indirectamente pelos factos educativos, produzindo-se possíveis situações com supostos ideológicos/crenças não referentes à própria realidade educativa; Será correcto um procedimento “*racionalidade filosófica*” aplicado à educação? - **RACIONALIDADE FILOSÓFICA**;

Analisemos esta *práxis e racionalidade*:

Os gregos designavam por “*práxis*” ao “**SABER FAZER**” (transacção num negócio) na *acção de realizar algo útil*. O termo usou-se principalmente na *acção moral* do homem, mas também designava *actividade prática* distinta da teórica. Modernamente o *marxismo* adoptou uma Filosofia da *Práxis*, em que a *práxis humana* constituía o fundamento de toda a teorização. Não nos equivocamos se afirmamos que os científicos da educação propõem que “a ciência pedagógica se relaciona com a *práxis educativa*”, isto é, que o *saber educativo* deve regular as *acções educativas*. Assim, *práxis* entende-se como *acção humana* e “*práxis educativa*” como “*acção humana aplicada à educação*”.

Que entendemos por *racionalidade filosófica*?

O seu significado depende do uso que lhe atribuímos, quando nos referimos a determinadas crenças, decisões, *acções* ou comportamentos humanos racionais ou irracionais. Pensamos entendê-la como *método ou estratégia* maximizada dos acertos e minimizada nos nossos erros, que em outras palavras conceptualizamos-la no *uso de qualquer método aceite filosoficamente, como estratégia dos nossos acertos ou erros sobre a educação, referida racionalmente às nossas crenças/opiniões* (= *racionalidade de crença*) e às *decisões/acções ou comportamentos* (*racionalidade prática*).

Sendo assim, a que tipo de *racionalidade* integramos a Filosofia da Educação?

Se a consideramos como uma *racionalidade de crença*, admitimos um conjunto de *crenças/ideologias* à volta da educação ou *crenças justificáveis* com critérios, por exemplo, acreditamos o que nos é evidente ou temos a certeza de descrever analiticamente o que percebemos/sentimos; ou acreditamos o que recordamos com clareza o que nos delegaram; ou aceitamos as justificações da nossa experiência diária ou as que foram estabelecidas de modo provisório como verdadeiras pela comunidade científica. Neste

caso a Filosofia da Educação seria um conjunto de crenças racionais, aceitando a *racionalidade* como estratégia do conhecimento filosófico sobre a educação, não nos parecendo correcto enunciar proposições transcendentais que não sejam justificáveis por critérios corroborados, o que nos levaria a uma Filosofia da Educação como ideologia dogmática sem uma validade racional frente a outras filosofias da educação que intentam compreender os fenómenos educativos.

Uma filosofia da educação elaborada à margem dos fenómenos/factos educativos será emotiva, mas não estará constituída com racionalidade.

Se aceitamos uma Filosofia da Educação com *racionalidade prática*, como dizia KANT: "...é a arte da educação ou pedagogia que necessita de um raciocínio, capaz de desenvolver a natureza humana para alcançar o seu destino,... Na arte da educação muda-se o mecânico em ciência: de contrário, nunca será um esforço coerente, porque uma simples conclusão poderá derrubar o que outra construiu." (*Pedagogia*:45), o *saber educativo* seria um *saber prático* que tem como função dirigir as acções livres do homem segundo a *razão*. Assim, conceptualizada dita *racionalidade* como o conjunto de proposições indicadoras do "como" devem ser as nossas decisões, acções ou comportamentos educativos, necessitaríamos de saber quais as condições para que ela se dê, por exemplo:

- explorar/esclarecer/explicar os *fins da educação* (estes são independentes no nosso projecto como "pessoa");
- conhecer os *meios* adequados para conseguir realizar os *fins*;
- poder de decisão em realizar com os meios ao nosso alcance a concretização dos nossos fins/metapas mediatos ou imediatos;
- capacidade de pré-disposição racional de rever ou reformular o nosso sistema de fins em função das mudanças operadas, situações/circunstâncias pessoais/colectivas produzidas na realidade educativa.

Aceite a Filosofia da Educação como racionalidade prática, estamos a considerá-la como uma *estratégia racional* que nos guia as nossas acções/processos educativos, tendo o cuidado de ditar os fins a realizar segundo os meios disponíveis. Neste caso a *racionalidade de crenças* será uma componente da *racionalidade prática*, isto é, esta pressupõe a primeira, uma vez que supõe a(s) crença(s) determinantes aos fins educativos desejados.

2 - A EDUCAÇÃO COMO PROBLEMA FILOSÓFICO

Ao longo da História da Filosofia a *Educação* esteve sempre presente como *problema filosófico*. A Filosofia estimula a reflexão e análise crítica, por isso uma das primeiras tarefas da Filosofia da Educação será a *análise da*

linguagem pedagógica ou educativa, uma vez que ela é um *meio* que permite/possibilita dita reflexão na realidade educativa.

Este "FAZER ANALÍTICO" da Filosofia da Educação é importante para esclarecer e aclarar lingüisticamente os discursos educativos submetidos à reflexão, contudo não é só análise, mas também a síntese (por que e para que educar?). O professor ou pedagogo pergunta-se pelo "como fazer" para educar correctamente ou com êxito/sucesso, isto é, "educar para quê?", "em que consiste educar?", "Como o distinguimos da aprendizagem, do ensino, da informação, da instrução, etc.?".

Parece que actualmente a Filosofia da Educação não "determina" os fins da educação, mas examina as finalidades educativas partindo primeiramente da própria análise da linguagem educativa. Depois de a precisar, pretende relacioná-la com a prática pedagógica concreta no marco dos valores, atitudes e da moral. Neste caso, a Filosofia assume um papel instrumental de regulação, construtiva e crítica. Partir das dúvidas, estabelecer prováveis soluções racionais que possibilitem novos modelos educativos que integrem devidamente os indivíduos na sociedade. Será uma interacção constante com a prática pedagógica que se deseja eficaz ou com sucesso. Contudo isto pode levar-nos apenas a uma "declaração de boas intenções", as quais não trazem nenhum elemento otimizador à educação.

Partindo do *triângulo antropológico educacional (HOMEM - CULTURA - EDUCAÇÃO)*, o próprio homem fabrica cultura e educação, a cultura produz homem e educação, e esta origina homem e cultura (rede de interacções). Os gregos (séc. IV a.C.) distinguiam a *paideia* (= *educação*) da cultura/homem, isto é da *poitela*. No período helénico o conceito educação refere já uma concepção antropológica, que separa "*anthropos*" e "*paideia*" (problemáticas do *ser*, *poder ser* e *dever ser*, coincidentes com a educação). A origem do conceito determina duas vertentes claras: "*educação - aprendizagem*" e "*educação - liberdade*" unidas à "*natureza/melo*". A Filosofia da Educação, com a sua linguagem metafísica e meta-teórica, pretende *compreender* a educação, *compreensão* essa oriunda de outras linguagens/discursos da realidade educativa que *explicam* (de modo causal pelas Ciências e Tecnologias e descritivamente pela Teoria da Educação) e *prescrevem* o mesmo processo/acção educativa.

Afirmava KANT que a *filosofia* é a única ciência do saber que procura uma satisfação, porque fecha em si o círculo científico, dando ordem e organização às ciências. Quando nós formulamos as nossas "finalidades teóricas", estas designam-se por *propósitos ou ideais educativos*. Cabe à Filosofia da Educação compreender todos os *componentes* (políticos) da educação, porque esta chega a possuir um *poder* (político, económico, cultural, etc.), uma vez que o sistema educativo forma os homens do amanhã. Parece que o *filosofar* se debruça sobre esse poder, promovendo

um carácter *crítico e a liberdade* à qual a educação tem direito (constitucional/ Direitos Humanos).

Os fins da educação são intrinsecamente *utópicos*, por serem críticos e ético-morais (as utopias caracterizam-se pela crítica da realidade existente com a intenção de proporcionar modelos distintos de sociedade). **O. REBOUL** expressa que o "**fazer educativo**" explica-se fundamentalmente por essa *finalidade implícita e explícita* (métodos de indagação : histórico, reflexivo, análise lógico, a contrário e dialéctico). A noção de *finalidade* é inseparável dos procedimentos/meios. Se considerarmos a *educação o processo/acção e resultado*, um fim/meta/meio que permite alcançá-lo o qual equivale a afirmar que não tem fins externos, porque já possui em si o próprio fim (**REBOUL**,1984:134/5). Por exemplo, a aquisição do *espírito científico*: o aluno aprende a objectividade, comprovação,etc., mas os meios pedagógicos utilizados já formam parte do próprio espírito científico; o mesmo acontece com a *participação*, que não é um simples meio pelo qual os alunos trabalham em dinâmica de grupos, ela cooperativamente é já um fim educativo que os pretende formar conscientemente.

Um *fim/meta* apenas é educativo se for um *meio pedagógico* que *eduque*, caso contrário será um simples *propósito* que provoca rupturas na função educadora.

J.DEWEY propunha que a *educação seja autônoma e livre* em democracia, para conseguirmos realizar os fins/metast: "... não há um modo de descobrir o que é mais verdadeiramente educativo, apenas através da continuidade do acto educativo. Nunca fazemos o descobrimento, porque estamos constantemente a fazê-lo." (**DEWEY**, 1968:79)

A *liberdade* (processo de individualização para a colectivização) como fim da educação/meio educador, é contrária aos métodos autoritários que a doutrinam. Podemos estabelecer vários graus de liberdade segundo a idade do educando (**LEONARDO COIMBRA** apresenta uma *liberdade do e no homem* dentro da sua dialéctica ontofenomenológica), cuja cota mais elevada é a *autonomia/emancipação* (**MARTINS,E.C.** 1991), em que o educando adquire consciência do próprio significado da educação (*formação do homem=auto-educação*). As finalidades educativas do homem parecem ser a pedra filosofal da Filosofia da Educação, dada a importância que têm para o educador. Refletir sobre os fins/metast educativas de modo metódico e rigoroso é *filosofar sobre a educação*.

A actual sociedade postmoderna (**LYOTARD,J.F.**,1984,85ss: propõe um princípio de legitimidade do ensino pela performatividade) atravessa mudanças com novas estruturas/valores e modelos educativos, obrigando a Filosofia a interrogar-se sobre o *valor da educação*, as *possibilidades*, os *limites e fins da educação* do homem, cuja reflexão fornece novos elementos exigidos pela sociedade. Este *reflectir sobre o sentido da educação/educar*

é a função da Filosofia da Educação. O seu trabalho nunca acabado realizou-se ao longo da História da Educação, tornando-se uma *autêntica dimensão filosófica* projectada na *formação dos educadores*.

Existe uma reivindicação filosófica de uma consistente *teoria da educação*, que dá ênfase ao *fazer técnico* em detrimento da reflexão racional aplicada à análise crítica/sínteses e conquista de valores e da liberdade (racionalidade). Trata-se de uma situação que não é estranha à PEDAGOGIA que se vê invadida por um pragmatismo tecnológico (*HABBERMAS*) perdendo o horizonte sem limites do *PENSAR* sobre a educação humana devido à impossibilidade epistemológica.

O progresso das Ciências que tratam da educação (CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO) atingiu grande envergadura neste séc.XX, desclassificando a Filosofia da Educação numa perspectiva *neo-positivista* de exigências epistemológicas. *G.AVANZINI* (1978) afirma que a negação de toda a ideologia faz partir de pressupostos a priori da própria ideologia que nega um dos aspectos da realidade, isto é, negar a reflexão filosófica da educação é acreditar que a "escola" é neutra, que nada influi nos seus "meios", interesses, valores e fins que pretende alcançar. Sem o trabalho crítico da Filosofia, a actuação do educador será cega e manipulável, ela introduz o bisturi da reflexão profunda para pôr nomes e apelidos às correntes do pensamento, aos "meios" que rodeiam os fenómenos educativos, as crenças, etc.

Se a PEDAGOGIA não fosse uma ciência da Educação que trata compreender o "educar do homem", poderia prescindir a sua perspectiva filosófica. Nas ciências da Educação devemos falar menos de objecto de investigação e mais "*objectivos*", porque nos propomos formar um determinado tipo de homem ("ser homem em si mesmo"), que se vai fazendo (distintas perspectivas de orientação) através da educação e sobre um sistema de valores (*G.MIALARET*).

3 - O ÂMBITO DAS COMPETÊNCIAS DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

3.1 - A Filosofia da Educação: do "Querer" ao "Dizer"

A racionalidade humana resulta da adaptação evolutiva do homem aos seus "meios". A produção filosófica faz parte desta necessidade de resolver e dar soluções às nossas dificuldades. HESÍODO e os presocráticos iniciaram um tipo de discurso chamado "*filosofia*" (maneira de andar na vida/enamorado do saber), mas definir *filosofia* é já produzir *filosofias* (as definições dadas do que é o "*filosofar*" constituem um conjunto de perspectivas de cada momento histórico).

A Filosofia da Educação tem o cuidado de completar as insuficiências

das Ciências/Tecnologias particulares da própria *educação*. A actividade da "filosofia", prescindindo da *análise filosófica*, deve ser entendida como **intencionalidade** ("intentio" de BRENTANO; intencionalidade do psíquico aos problemas do "EU", da identidade/conexão e constituição dos fenómenos em HUSSERL; intencionalidade da consciência em SARTRE; intencionalidade do "ser" em HEIDEGGER; intencionalidade bíblica em LEVINAS, etc.). Atrevemo-nos a definir a Filosofia da Educação como esse **saber racional e crítico** das condições de possibilidade da realidade experimental educativa no seu conjunto (FULLAT, O., 1988:91) (perspectiva da Filosofia da História em HEGEL), ou **saber crítico da linguagem** esclarecedor dos conceitos/enunciados e argumentos utilizados pelos educadores (a Filosofia analítica de WITTGENSTEIN do "Tractatus", AUSTIN, STRAWSON, SEARLE, etc.).

Se a Filosofia da Educação não é ciência/tecnologia educacional, nem Pedagogia Geral/Fundamental ou Teoria da Educação, o que é então?

Afirmava KANT (1966:73) que não há homem sem processo educador, em que a Filosofia do educativo apresenta uma análise deontológica e antropológica da educação. Neste caso, propomos duas orientações básicas à Filosofia da Educação:

A.- sobre o que "DIZ": análise lógica da linguagem ou do discurso pedagógico e da epistemologia pedagógica;

B.- sobre o que "QUERE": antropologia/antropogénese, axiologia e teleologia da educação;

Assim, quando potencializamos a Filosofia da Educação, superamos dentro do sistema educativo alguns problemas relativos aos tipos de *saberes pedagógicos*, que se classificam:

a.)- "empeiria" = saber prático experimental da educação, saber actuar com os educandos na base do ensaio/erro (REBOUL, 1980:68-81);

b.)- "tékhne" = saber epistemológico do *saber fazer*, do conhecer as causas, os "porquês" das actividades e sucessos, etc.. Vincula-se à *tecnologia* (Professor como um técnico que actua com razões científicas), com um carácter *globalizador e sistémico* ao integrar os *meios/fins* do processo educativo, a *flexibilidade* nas acções, a criatividade, etc. Apresenta doses de "philosophía";

c.)- "episteme" = saber ou conhecimento científico (hipotético-dedutivo), com componentes axiológicos, verificabilidade/testabilidade, falsação, etc. (O'CONNOR, 1971:34/5 e 108); trata-se do *comprovar os enunciados e assentar conclusões*. A pedagogia exigiria a modalidade cognoscitiva científica, considerando a ciência e a tecnologia numa base de racionalismo crítico (K. POPPER, M. BUNGE, CARNAP, W. BRÉZINKA, F. VON CUBE, etc.);

d.)- "phrónese" = saber fazer moral na prática, o actuar intrínsecamente do sujeito, isto é, "*fazer-se a si mesmo*", saber decidir; é a arte de educar

eficazmente com valorizações sintéticas/teleológicas. Este saber vincula-se mais às "*decisões pedagógicas*" que à "arte de educar";

e) - "*theoria*" = saber teórico normativo/descritivo, actividade do conhecimento em descrever/explicar a realidade; no âmbito das Ciências da Educação este saber caracteriza a "TEORIA DA EDUCAÇÃO" (= representação conceptual), cuja temática mais importante é a *acção humana*;

f) - "*Sophía*" = saber universal, sabedoria (ciência superior em Aristóteles) que pretende apreender o universo axiológico (= sentido da educação); o educador como "co-agente" do processo educativo, implicado por meios/fins, precisa de horizontes axiológicos no qual se comprometa, elabore normas de acção, juízos de valor ou decisões teóricas, etc.

A Filosofia da Educação será um "DIZER" peculiar sobre os factos/fenômenos educativos, determinado pelos saberes "*theoria*", "*Sophía*" e "*Phrónese*". O filósofo é um ignorante que converte essa ignorância na única sabedoria: o *saber* procura-se e na Filosofia da Educação o saber é a "*vontade de saber*". Na outra orientação, ela ocupa-se do "QUERER" da educação, cuja tarefa seria a *análise da linguagem do discurso pedagógico*:

"... os filósofos actuais da educação, principalmente do mundo anglo-saxão, não se dedicam a formular as suas próprias teorias da educação, mas a analisar e esclarecer os conceitos utilizados no discurso educativo e a examinar os argumentos e justificações daqueles que propõem as teorias educativas." (MOORE, 1983:111)

As linhas *metodológicas* da Filosofia da Educação nos discursos filosóficos sobre a educação, apresentam:

1) - *Filosofia do "querer" educativo:*

a) - *aspecto hermenêutico-especulativo:*

i.) - *reconstrução histórica:* descobrir o sentido da educação na história do pensamento humano;

ii.) - *construção existencial:* descobrir o sentido da educação desde o "*fazer*";

b) - *aspecto descritivo - fenomenológico* (circunscrito mentalmente à realidade educacional):

i.) - *descritivo:* captar o educativo nas experiências externas;

ii.) - *fenomenológico:* indicar o essencial da educação nas experiências internas do educando;

2) - **filosofia do “dizer” educacional**: neo-empirismo e analítica dos dados:

i.) - corrente neopositivista: exame da linguagem ou do discurso das distintas Ciências da Educação;

ii.) - corrente analítica: exame da linguagem dos educadores.

QUAIS OS OBJETIVOS DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO?

Interrogar-se pelos objectivos é perguntar-se pela direcção/sentido ou *objecto* do trabalho que realiza esta Filosofia, isto é, os *finis*. Se a finalidade de cada Filosofia é elaborar a teoria da formação do homem, passamos a uma **PEDAGOGIA** (geral ou Fundamental como afirma E. PLANCHARD, 1975: *A Pedagogia Contemporânea*, Coimbra Ed., 17-140). HERBART fundou a Pedagogia na psicologia e ética, P. NATORP na totalidade da Filosofia (ética, estética, lógica e Filosofia da religião), J. DEWEY considera que a Filosofia entrega *hipótese operativas* à pedagogia, R. NASSIF que ela é um saber autónomo que utiliza a Filosofia como outros saberes, etc. Esta diversidade que parte da própria noção de Filosofia determina os objectivos da Filosofia da Educação, enquanto *disciplina* (ESCOLANO, A., 1978: 24/6):

- a) - análise da linguagem educativa;
- b) - indica o sentido do processo educativo (Filosofia da História);
- c) - mostra a estrutura educativa do homem;
- d) - explica teleologicamente as distintas pedagogias;
- e) - reflecte epistemologicamente sobre os métodos e os resultados/sucesso das Ciências da Educação;
- f) - contribui lógica-metodologicamente à relação dos *modelos e processos* da investigação educativa.

Parecem ser estas as funções circunscritas à Filosofia da Educação em que a antropogênese e o “educativo” coincidem substancialmente: ser homem consiste em *educar-se permanentemente*.

3.2 - A Filosofia da Educação como racionalidade prática ou como praxiologia educativa?

Explicamos a conceptualização da Filosofia da Educação na

racionalidade de crenças e na racionalidade prática. No caso desta recorremos a "testemunhos de pensadores":

A) - ARISTÓTELES: na sua obra "*Ética a Nicómaco*" (livro II, cap. 2) indica que o homem deve aprender a ser "virtuoso e bom", conhecer as suas regras teóricas e aprender a aplicá-las. As ciências práticas, o saber ético e o saber da educação relacionam-se e dependem da política (Liv. X, cap. 10). Considera que a função deste conhecimento é a direcção das acções da vida humana, por isso usa o termo "*práxis*" ao designar as ciências/artes da política/ética, contrastando a "teoria" com a "práxis". Não se interroga se o conhecimento filosófico sobre a educação é ou não uma racionalidade prática, mas aborda-o no contexto político e forma ética. Assim, o *saber* que procura da educação tem como função prioritária esclarecer os fins e o modo de actuar (= saber prático);

B) KANT (1986: *Pedagogia*, Ed. Akal, Madrid) propõe que a arte de educar/pedagogia necessita da razão para desenvolver a natureza humana, por isso:

"... a pedagogia ou teoria da educação é física ou prática. A educação física é aquela que o homem tem em comum com os animais, ou seja, os cuidados. A educação prática ou moral é aquela pela qual o homem deve formar-se para viver, como um ser que obra livremente. Chamo prático a tudo o que tenha relação com a liberdade" (1986:45).

Para o filósofo de Königsberg o saber da educação é um saber prático que tem a função de dirigir as funções livres do homem com o império da razão.

C) - Modernidade (J. DEWEY e R. PETERS) preocupa-se em saber se a Filosofia da Educação é uma racionalidade prática. Para DEWEY a Filosofia supõe a aquisição de sabedoria que influi no comportamento da vida exercida pelo processo educativo de formar (pré)disposições intelectuais, afectivas, etc.

A Filosofia da Educação não seria uma ampliação externa de idéias já feitas a um sistema prático distinto, mas uma formulação explícita dos problemas da formação dos hábitos mentais/morais adequados às dificuldades da vida.

PETERS (1977:77) interroga-se pela função desta Filosofia na prática educativa distinguindo-a da teoria da educação. Centra o seu discurso na questão dos *objectivos da educação*, como meio para concretar os seus *fins*, por isso a Filosofia da Educação contribui para a realização dessas metas onde surgem questões práticas.

As referências mencionadas dificilmente são discutidas. O estudo e análise da Filosofia da Educação tem a sua função na orientação das acções

pedagógicas, sempre que esclarecemos os objectivos/fins, o marco referencial dos meios mais apropriados e a aplicação na prática. Contudo, as propostas sobre fins (objectivos/ideais/metapas) podem ser gerais ou abstractas, distintas dos interesses dos agentes educativos/contextos, pelo que não sabemos se são possíveis. Assim, ficamos na dúvida se os discursos dos fins pertencem ou não a uma racionalidade prática.

NESTE CASO SERÁ A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO UMA "PRAXIOLOGIA EDUCATIVA"?

"Praxiologia" e a ciência (descritiva/normativa) que estuda sistematicamente as condições/normas da acção humana, o que implica analisar a ideia de "ACTO", noções do agente e o resultado, instrumento/meio/condições da acção, etc.

Podemos considerar a Filosofia da Educação como praxiologia?

O homem educado no processo/resultado educativo oferece para PETERS algumas características: *qualidade de comportamento, transformação do modo de ver/entender a realidade e conjunto de acções com êxito*. Quando falamos de *Ciências da Educação* referimo-nos a estes âmbitos, que nos proporcionam conhecimentos do como fundamentar os processos das acções educativas. Quando falamos de *Ciências Pedagógicas* referimo-nos aos conhecimentos estruturados em teorias que prescrevem normativamente a acção educativa. Ambas, indirecta ou directamente referem-se à *acção educativa*.

O QUE É A ACÇÃO EDUCATIVA?

Trata-se de uma acção humana consciente ("facere" = fazer) ou intencional ("agere" = acto voluntário). Vejamos como as perspectivas psicológica, sociológica e filosófica definem a "acção":

a) - *perspectiva psicológica*:

- i.) - a acção está orientada às expectativas de futuro;
- ii.) - a pessoa escolhe entre os meios/alternativas os mais adequados aos fins;
- iii.) - a pessoa deve ser consciente do que "faz" (fins e meios);
- iv.) - a pessoa deve prever as consequências do que intenta num sentido responsável;

b) - *Perspectiva sociológica* (acção social): as dimensões teleológica, normativa, motivacional e simbólica.

c) *perspectiva filosófica:*

- toda a acção produz mudança/efeito;
- supõe sempre a existência de agentes de mudança;
- a acção supõe relação/comunicação/informação;
- a acção orienta-se ao futuro ou fins determinados.

Encontramos algumas categorias comuns na acção humana: os *fins*, *efeito futuro* e *exigências de normas/regras orientativas*. Para ser uma *acção educativa* deve:

- estar dirigida a fins desejáveis;
- ser realizada por um ou vários agentes educativos;
- aplicar umas normas que transformem estados iniciais em estados finais mais optimizadores;
- ser um fenómeno interrelacional, comunicativo e interactivo.

A tendência ao conhecimento que tem toda a Filosofia, reclamamo-la para a Filosofia da Educação, porque sem esse conhecimento profundo/crítico da acção educativa a dimensão praxiológica fica condenada ao fracasso. Quanto maior fôr o conhecimento dos fins/elementos da acção, maior será a possibilidade de êxito e de maximizar o sucesso do processo educativo, objectivo que pretende a racionalidade prática dentro da Filosofia da Educação.

3.3 - A linguagem educativa: analítica, crítica e integrativa

Recordamos que o terreno onde nos movemos é o da Filosofia com as suas formas de reflexão filosóficas, quando abordamos as questões educativas, como uns curiosos pesquisadores da *verdade* quem entranham. PLATÃO no "*Banquete*", dizia que a Filosofia não é ignorância, nem sabedoria, nem despreocupação pelas coisas, nem atitudes cínicas, ela nasce sem pretensões, preocupada mais com as perguntas que com as respostas (porquê do saber).

Fenomenologicamente descrevemos três aspectos interrelacionados no processo da moderna Filosofia: analítico, crítico e integrativo. São momentos sistemáticos de reflexão filosófica que marcam o trabalho do filósofo da educação. WOODS (1976:17) atreve-se a dizer que a Filosofia analítica é mais útil, merecedora da categoria de Filosofia, mas não devemos menosprezar

outras orientações, apesar da *análise da linguagem educativa* ser uma tarefa importante na procura de objectividade dos temas educativos.

Desde o positivismo lógico podemos estruturar dois tipos de análise, que fundamentam outras tantas Filosofias analíticas:

a) - *análise formal*: análise predominante das linguagens das ciências (Filosofia como auxiliar da ciência). Usa a lógica formal (CARNAP, POPPER, FREGE, QUINE, etc.) com o critério primordial de *verificabilidade das proposições* (= uma afirmação só é significativa, quando pode ser verificada empiricamente no presente ou futuro). Esta análise pretende uma *linguagem perfeita, técnica e científica* à imagem estrutural do mundo.

b) - *análise informal*: análise do campo da ética e das ciências humanas. Usa a lógica informal (*linguagem vulgar*) com o critério da *utilidade* (WITTGENSTEIN), no saber para que serve e na procura de esclarecer o seu uso.

É indicada no tratamento dos temas educativos:

i.) - linguagem não científica, mas da "vida corrente" utilizada pelos educadores (carga normativa/axiológica), que exorta à influência do "*meio cultural e natural*";

ii.) - à volta da "educação" cruzam-se muitos interesses pessoais/sociais/políticos, etc., que exigem explicações claras: identificar os problemas lingüísticos, anotar as palavras/expressões verbais, estudar os significados dos termos, os contextos/meios, etc.

A avaliação crítica dos conteúdos educativos determina uma habilidade para detectar na matéria de estudo os possíveis erros de raciocínio, recorrendo aos contextos para compreender o discurso educativo e abrir novos horizontes de respostas. Cada educador abre a sua "*janela*", olha os problemas da realidade educativa numa perspectiva *integradora e sistémica* (a educação é um sistema). Esta tarefa é mutua nos professores/alunos, em que os primeiros obtêm a sua Filosofia sobre a educação, não transmissora ou proveniente dos "livros", mas das suas próprias experiências práticas diárias.

4. - FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO OU TEORIA DA EDUCAÇÃO?

É possível pretender fazer uma Filosofia da Educação explícita em função do que pensamos ser a sua natureza/objecto. Depois de meio século de imensas publicações, não vemos claro qual é a verdadeira ocupação. Esta tarefa pode ser mais fácil se analisamos os termos substantivos ("*teoria*" e "*filosofia*") à educação, como instrumento inicial de reflexão, mas sabemos que há mais dificuldades na análise de "*FILOSOFIA*" que de "*Teoria*". A

unidade da diversidade das respostas sobre o que entendemos por "filosofia" está manifestada indutivamente na História da Filosofia. A multiplicidade de perspectiva na Filosofia apresenta o próprio termo como *totalidade possível*.

A Filosofia actual recolhe expressões como *tendências/escolas filosóficas* que caminham por vertentes menos abstractas, mais concretas, aspirantes a um sentido crítico e fundamentador dos pressupostos/enunciados, por exemplo: fenomenologia, marxismo, estruturalismo, existencialismo, hermenêutica, psicoanálise, pragmatismo, personalismo, etc., umas consideradas como *método*, outras como *atitude* ou *tomada de posição* das questões humanas, outras como *doutrinas*, etc., todas cumprindo o denominador de serem "*Filosofias ou Filosofia*". Por isso, também encontramos nessas tendências/Escolas filosóficas, umas "Filosofias" das que extraímos consequências educativas e outras verdadeiras "*Filosofias da Educação*".

Parece existir uma dimensão sintéctica do discurso pedagógico correspondente a uma *unidade/sistema* real de educação nos seus distintos *saberes*. KANT já entendia por *sistema* a unidade de múltiplos conhecimentos referidos a uma idéia, DESCARTES o "ego sum res cogitans" ou HUSSERL admitia que um sistema requiere pontos de referência para arrancar. Desde PEIRCE, POPPER, passando por CARNAP, REICHENBACH, QUINE, JACOBSON, WITTGENSTEIN e CHOMSKY, houve a pretensão de reflectir *epistemologicamente* sobre os saberes educativos.

Uma primeira diferença entre Teoria da Educação e Filosofia da Educação poderia consistir em que a primeira é uma parte da "*Pedagogia Geral/Fundamental*" (PLANCHARD, 1975:107) que estuda a *natureza, fins* e os *factores do acto educativo* (mundo 1 e 2 de POPPER, 1991) enquanto a segunda opera com *pressupostos metafísicos/teleológicos* (mundo 3). Outra é que propõe GARCIA CARRASCO (1983:69-70) das proposições pedagógicas:

i.) - algo que deve ser conseguido (fins): FILOSOFIA da EDUCAÇÃO;

ii) - existência de teorias científicas utilizadas no âmbito dos factos comprometidos pelas metas propostas: TEORIA da EDUCAÇÃO;

iii) - determina as sequências da acção, enunciados normativos que regulam as sequências de acção, cujos efeitos se incluem nos propósitos desejados: PEDAGOGIA GERAL ou FUNDAMENTAL;

O TERMO "TEORIA" QUE SIGNIFICADOS POSSUI?

1.) *Teoria como contemplação grega* (FULLAT, 1988; NASSIF):

Teoria significa acção de ver/contemplar, "visão" das coisas, do

homem e do mundo. No panorama pedagógico há três características fundamentais:

a.) os “*conteúdos*” tratados pelas teorias de educação não estão codificados, por isso, são difíceis de integrar em temas educativos que apresentem problemáticas no educar do homem e do seu tipo de educação;

b.) teoria opõe-se à *prática educativa*. Esta oposição necessita de fronteiras com uma série de normas/prescrições orientativas/organizativas à prática ou simplesmente serem áreas de actividade distintas;

c.) a falta de reflexão epistemológica produz uma *identificação frequente* entre Teoria da Educação e Filosofia da Educação, devido a parecerem duas realidades semelhantes. Predomina o papel da Filosofia que define a “teoria” com **carácter geral**, assimilação da Teoria da Educação pela PEDAGOGIA GERAL.

Este significado de “teoria” como actividade humana do contemplar é externa a ela, fundamentando-se em critérios epistemológicos rígidos.

2. Teoria como Construção Científica (O'CONNOR, 1971):

Influência dos filósofos da ciência na análise das teorias científicas. Os lógicos e os epistemólogos desenvolvem o termo “teoria” como construção intelectual ou trabalho científico, tentando descrever a realidade ou explicar os seus fenómenos. Esta conotação da “teoria” com as construções científicas provém dos *neopositivistas* considerando a *Teoria da Educação como teoria científica*, como o único tipo de teorias que origina maior significado/controla cognoscitivo na prática educativa.

A explicação científica revela as características de:

a.) *explicação de regularidades* (leis empíricas) reveladoras do sistema uniforme de fenómenos, pretendendo compreender com exactidão:

i.) - que a teoria interpreta os fenómenos e processos (leis);

ii.) - que as teorias podem não explicar sempre leis previamente estabelecidas;

iii.) - que as teorias predizem novas regularidades;

b.) - *apoio das hipóteses/conjecturas* entre as conexões dos fenómenos: *inventadas e propostas* ou *comprováveis e aceitáveis*.

c.) - *teorias e leis devem especificar com clareza e precisão os processos* na investigação.

Poderá a Teoria da Educação ser uma teoria científica?

Depende do “*adjectivo*” que colocamos ao conceito “teoria”, por exemplo, a “teoria do ensino” é diferente da “teoria da aprendizagem” ou da “teoria da instrução”, causando dualismos de base sócio-cultural. COHEN destaca três elementos fundamentais nessas teorias educativas: *valor*, *ideal*, e o *empírico*, em que este último seria o mais válido na formulação das teorias.

A teoria educativa não é uma teoria científica, considerando-se exagerada a posição de O’CONNOR. O próprio KNELLER (1970:169) assinalava que a “análise formal e particularmente o empirismo lógico contribui a elevar o nível das investigações educativas, analisando a estrutura lógica do conhecimento exposto, reconstruindo cânones que a própria investigação deve observar”. A educação não se enfrenta como “ciência pura”, mas no âmbito da prática.

3. - a teoria como “teoria prática” (MOORE, T., 1983):

A teoria da educação opera como teoria prática:

“... a teoria da educação refere-se num sentido estrito a um corpo de princípios e recomendações dirigidas àqueles que se dedicam à prática educativa” (MOORE, 1980:20).

Trata-se de uma teoria “*recomendadora e prescritiva*”. Uma análise epistemológica aos supostos da teoria da educação origina:

a.) - *suposto sobre os fins*: a teoria geral da educação determina pressupostos valorativos;

b.) - *suposto referido à “natureza” dos educandos*;

c.) - *suposto relativo à natureza dos “conhecimentos” e dos “métodos” a transmitir na acção educativa*;

Sentido de MOORE (distinguindo entre: *teorias explicativas ou científicas*, por exemplo, o “*conhecer/descrever e o explicar*”, *teorias práticas* que prescrevem os fins) a Teoria da Educação apresenta princípios/juízos práticos necessários ao “que se aprende e como se aprende de modo mais eficaz”, por isso se fundamenta na *prática educativa racional*.

Concluimos sintetizando que:

TEORIA DA EDUCAÇÃO: teoria explicativa e global (“teoria tradicional” da Escola de Frankfurt) dos processos educativos, considerando estes a aprendizagem de informações, de atitudes, conhecimentos e habilidades. Os *modelos sistémicos e cibernéticos* (Teoria da informação, a

teoria geral dos sistemas, a cibernética, as novas tecnologias) esclarecem a sua função;

PEDAGOGIA GERAL ou FUNDAMENTAL: teoria pragmática e globalizadora/sintetizadora dos processos educativos, manejando-os com sucesso/eficácia; teoria normativa dos comportamentos/attitudes dos educando. MOORE denomina-a como "Teoria da Educação". Parte de pressupostos antropológicos ou antropogénicos, epistemológicos e axiológicos do sujeito ou da sociedade, exigindo formas *metodológicas*;

FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO: saber global, compreensivo e crítico dos processos/acções educativas, facilitada pelos pressupostos antropológicos, epistemológicos e axiológicos, de modo a originar análises críticas.

5. A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

À Filosofia corresponde a tarefa emancipadora e de desmitificação de que a *educação* responda aos problemas humanos. Sabemos que este conceito de "educação", como *acto* intencional e sócio-cultural necessita de uma certa estabilidade de supostos (racionalidade, historicidade, intencionalidade formativa, etc.). Nesta dimensão actua a Filosofia da Educação (= Filosofia da Cultura) com o seu papel importante na formação de professores como *modelos normativos* (juízos de valor, as compreensões, imperativos pragmáticos e categóricos sobre os fins humanos, etc.) e *modelos descritivos* (propostas das ciências positivas e das sociais sobre o conhecimento do homem e dos "meios"). Não tratamos de formar bons ou maus *filósofos*, nem de *tipos de educador* (especialista, professor, educador, formador, pedagogo, mestre, tecnólogo, metodólogo) (DIAS, J.R., 1988:109-115), mas homens formados nos problemas humanos.

Os núcleos actuais da Filosofia da Educação discutidos ao nível da "Educação e Pedagogia" são: o homem, fins, valores, processo educativo, antropologia, axiologia e antropogénese (= optimização da formação concretizada pelo sentido da cultura). Podemos afirmar que o *professor* que não possua *consciência do fim para/como educa e trabalha* é professor alienado. Cabe à Filosofia da Educação formar professores conscientes (consciência/inteligência crítica) nas suas acções/finalidades: empenho existencial/pessoal e filosófico na aquisição de *valores/attitudes e decisões responsáveis* e orientadoras das suas funções profissionais (*deontologia profissional*) de formar novas gerações.

O mais prático, seria "deixar-se de filosofias" e ensinar coisas úteis, mas uma proposta assim parece esquecer algumas perguntas fundamentais:

Em que consiste essa tarefa de ensinar? Por que e para que se educa? Apenas para aprovar exames, melhorar a nossa inserção social-económica ou ser um homem mais livre e solidário?

Falar de Filosofia da Educação na formação de professores parece debater o "*tipo humano de professor/educador*", que desejamos ser: docente cumpridor (o que/como ensinar) que esquece o "porquê/para quê educa", executor eficaz nas programações/projectos e objetivos sem se interrogar pela "educação na/da sociedade" nos seus debates pedagógicos, etc. (como dizia T. ADORNO "formação", "pseudo-formação" ou "meia-formação"). Se no professor predomina a idéia de *educação como liberdade* (individual ou colectiva) poderá fazer homens mais livres, donos dos seus valores e educados no pensar, neste caso, necessita do pensamento filosófico sobre a educação. PLATÃO, no "*mito da caverna*", dizia que o conhecimento/consciência de estar prisioneiros pode pôr em funcionamento o processo libertador (interior/exterior). A função é complexa e pode ser que a Filosofia seja "*inútil*" em pretender apenas "libertar", em vez de inserir o indivíduo na sociedade.

Hoje a "educação" supõe um *esforço permanente* do homem para ser ele mesmo, libertar-se das "cadeias que o atam" nas diferentes situações: se queremos adultos que pensem, devemos educar crianças que pensem (KANT: "quem quer os fins, quer os meios"). A Filosofia é imprescindível se desejamos que a "*educação para aprender*" se transforme numa "*educação para pensar*".

A pergunta pela utilidade da Filosofia da Educação no ensino secundário deve apresentar-se num contexto amplo, que por um lado contemple a necessidade de incorporar as justificações teóricas válidas na função docente e proporcionar ao professor *atitudes abertas/flexíveis* assentes no pluralismo educativo (análise crítica dos enunciados/discursos e valores do sistema educativo):

"... desenvolver esta compreensão e capacidade deve ser o objectivo da Universidade, em vez de, como acontece frequentemente, produzir doutrinações particulares de pontos de vista particulares" (WOODS, R.G., 1983:12).

O exercício de reflexão criativa/autónoma sobre a educação e as implicações sócio-culturais e humanas leva à Filosofia da Educação a dar uma *capacidade geradora de pensamento*: "**fazer que o aluno pense por si mesmo**". Assim devemos entender a Filosofia da Educação no *ajudar a pensar* (linguagem/realidade), mais que transmitir os conhecimentos filosóficos. O seu objecto de análise é a "docência" (propósitos e alternativas), os elementos da relação pedagógica, dimensão pessoal/social dos currículos, papel do professor/educação nos contextos e na Escola, etc. Ao futuro

educador exigimos *reflexão crítica e integradora da informação/linguagem e solidária* (sentido social de cultivo da racionalidade crítica e responsável).

6. - ALGUMAS CONCLUSÕES

A nossa proposta inicial era a de conseguir dar resposta a algumas questões à volta da Filosofia da Educação. Podemos concretizar que ela é essencial para entendermos o "acto de educar" do homem e os respectivos problemas educativos (possibilidades e limites), por isso se embebe da presença da "Filosofia" como raciocínio prático ou praxiológico do educativo. *O Objecto e conteúdos* que aborda filosoficamente são:

- a.) - questões antropológicas e antropógeneses;
- b.) - questões sobre os *fins/metás educativos*;
- c.) - análise da *acção humana*, os seus elementos e processos;
- d.) - análise da *linguagem/discursos* das teorias pedagógicas e enunciados/proposições educativas;
- e.) - análise metafísica/metateórica sobre o sentido, significado e funções da Filosofia da Educação;
- f.) - contributos da "racionalidade" histórica à "*racionalidade prática*" com um estudo às correntes filosóficas e dos autores relevantes no pensamento educativo.

Estas reflexões implicam exigências metodológicas, atitudes filosóficas em sintonia com a conceptualização da própria Filosofia da Educação que é a "*racionalidade prática*". Concebida no âmbito da teorização da *acção educativa e processos*, orienta-se e tem sentido na "*praxis educativa*". Daí, que a sua utilidade dirige-se a uma orientação à prática. Há quem discorde com estas funções da Filosofia da Educação para a prática educativa, mas a racionalidade prática determina questões referentes a FINS e a VALORES.

Outra questão que apresentamos foi da diferença entre Teoria da Educação e Filosofia da Educação. Sintetizamo-a nestes pontos:

- 1.) - a Filosofia da Educação e a Teoria da Educação não são intercambiáveis;
- 2.) - nenhum dos sentidos do termo "teoria" (teoria como contemplação; teoria como construção científica; teoria como teoria prática) se ajusta à concepção de Filosofia;

3.) - o papel da Filosofia da Educação é de *ordem superior* (compreender) o que se explica e descreve teórica e científico/tecnológico dos factos da realidade educativa. Uma maior análise fundamentada epistemologicamente e analiticamente nos supostos;

4.) - admitimos que seja uma forma filosófica tal como a encaramos (*tendência/doutrinas*, método, atitudes, tomadas de decisão/solução,...) não se reduz à simples procura de *valores/fins* nem ao desejo coerente de unidade das Ciências da Educação ou da orientação interdisciplinar dos saberes, mas tudo que pertença ao panorama cultural do homem, dos paradigmas educativos ou dos modelos desde a reflexão antropológica e moral da educação.

A Filosofia da Educação conduz-nos a uma "... forma de análise e compreensão das situações educativas, dando à acção educativa uma dimensão que outras ciências da educação não dão" (MIALARET, 1977:75).

Em relação ao seu contributo na formação de professores podemos dizer que a podemos inserir no marco da Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE) na formação continua evidenciando nela a *componente científico/tecnológica* de formação (habilidades, conhecimentos, consciencialização das funções educativas, compromisso responsável com os alunos e sociedade/cultura, novas atitudes/valores, etc.), a *componente metodológica* (programações de objectivos) e a *filosófica* (ferramenta teórica e conceptual do conhecimento na procura dos horizontes pessoais/sociais e profissionais) inseparável do "*mar cultural*" da vida.

Reafirmamos a necessidade da Filosofia da Educação, sem pretender que predomine sobre outras disciplinas ou matérias, mas paralelamente a estas pode ajudar a afrontar os problemas surgidos das mudanças constantes da realidade educativa. Contribui para que o *ensino* venha de uma autentica experiência de *formação humana*. Ao futuro educador exigimos que vá ao *encontro* árduo e bonito de: "*procurar a verdade como fundamento de uma vida mais humana, feliz, livre e solidária*" (Padre AMÉRICO). Não pretendemos que a Filosofia da Educação apareça nos currículos, mas devemos estendê-la aos alunos dando-lhes a possibilidade e alento da *reflexão rigorosa sobre a educação, ser pessoa, a cultura e do sentido social da sociedade actual*. Só, assim, o professor estará em condições de "*compreender*" as suas funções e o próprio "*acto de educar*", como diz GADAMER:

"... é um caso especial da aplicação de algo geral a uma situação concreta e determinada" (1977:383), em que o seu saber prático (núcleo central da Filosofia da Educação) reclama a presença constante de um saber ético-moral nas atitudes, nos conhecimentos e responsabilidades das acções pessoais/sociais/profissionais originando uma *prudência pedagógica* no tratamento dos problemas educativos.

BIBLIOGRAFIAS

- AVANZINI, G., 1978: *As Pedagogias do Séc.XX*. Moraes Ed.
- BREZINKA, W., 1978: *Die Paedagogik der neuen Linken, Analyse und Kritik*, Reinhard, Munich.
- _____, 1984: *Metateoria dell'Educazione...*, Armando Ed., Roma.
- DEIGHTON, L.G.(dir.), 1971: *The Encyclopedia of Education*, MacMillan - Free Press, N. York.
- DEWEY, J., 1968: *La Ciencia de la Educación*, Losada, Buenos Aires.
- DIAS, J. R., 1988: *Man as the highest value in education. Philosophy of Education, East-West; Bridge of gulf?*, Országos, Budapeste.
- ESCOLANO, A., 1978: *Las Ciencias de la Educación. Epistemologia y Educación*, Sígueme, Salamanca.
- FULLAT, O., 1979: *Filosofías de la Educación*, CEAC, Barcelona.
- _____, 1988: *Filosofía de la Educación*, Ed. Vicens-Vives.
- GADAMER, H.G., 1977: *Verdad y metodo*. Sígueme, Salamanca.
- GARCIA CARRASCO, J., 1983: *La Ciencia de la Educación*. Santillana, Madrid.
- LYOTARD, J. F., 1984: *La Condition Postmoderne*, Ed. Minuit.
- KANT, E., 1966: *Réflexions sur l'éducation*. Vrin, Paris.
- KNELLER, G. F., 1970: *Introdução à Filosofia da Educação*. 3a. ed. Trad. Alvaro Cabral, Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- MARTINS, E. C., 1991: *O conceito de emancipação como uma nova meta educativa na formação humana*, I Conferência Nacional de Formação de Professores, E.S.E. de Faro de 5 a 7 de Dez./91.(comunicação)
- MIALARET, G., 1977: *Ciências da Educação*, Moraes Ed.
- MOORE, T. W., 1983: *Introducción a la teoria de la educación*, Alianza Ed., Madrid.
- _____, 1987: *Introducción a la Filosofia de la Educación*. Alianza Ed., Madrid.

- O'CONNOR, D.F., 1971: *Introducción a la Filosofía de la Educación*. Paidós, Buenos Aires.
- PAGE, G.T. & THOMAS, J. D., 1979: *International Dictionary of Education*, London, Kegan Page.
- PETERS, R.S., 1969: *El concepto de educación*, Paidós, Buenos Aires.
- _____, 1977: *Filosofía de la Educación*, F.C.E., México.
- PLANCHARD, E., 1975: *A Pedagogia Contemporânea*, Coimbra Ed.
- POPPER, K., 1991: *Sociedade Aberta, Universo Aberto*, 2 ed., Publ. D. Quixote, Lisboa.
- REBOUL, O., 1980: *Ou'est ce qu'apprendre*, PUF, Paris.
- _____, 1981: *La Philosophie de l'Éducation*, PUF, Paris.
- _____, 1984: *La Langage de l'éducation*, PUF, Paris.
- ULLICH, R., 1961: *Philosophy of Education*, American Book.
- WOODS, A., 1976: *Introducción a las Ciencias de la Educación*. Anaya, Salamanca.